

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

DR. GEORGE MONTANDON — *La Race. Les Races* — 1 vol. illustr. de cêrca de 300 págs., Paris, 1930.

O ilustre autor da *Ologenèse humaine* e sucessor de Hervé na cadeira de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris, dá, em edição da casa Payot, uma « mise au point » de etnologia somática, em que resume a grande massa de materiais antropológicos, reunidos naquele seu livro anterior, e algumas das suas lições no seu curso. Estamos em presença dum excelente manual de antropologia étnica, em que o A. não deixa de introduzir uma soma elevada de opiniões e observações pessoais, sem, no entanto, conceder à hipótese uma parte demasiado larga na interpretação dos factos.

Decerto a teoria ologénética, a que Fraipont e Suzanne Leclercq deram recentemente, em grande parte, também apoio, aparece a orientar, pelo menos, as linhas gerais de classificação proposta das raças humanas, mas deve louvar-se Montandon por ter sobretudo explanado os factos objectivos, recolhidos sôbre cada raça.

Sucessivamente, o A. se ocupa na primeira parte do seu livro, do conceito de *raça* e *etnia*, da hereditariedade e cruzamentos, dos caracteres anatómicos, fisiológicos e psicológicos das raças, dos caracteres sexuais, das relações entre a raça e a constituição (que o A. considera distintas) e do processo de formação das raças.

Na segunda parte, de sistemática, Montandon expõe as bases da classificação que adopta, e descreve as suas 5 grandes raças (pigmoide, negroide, vedaustroloide, mongoloide e europeide) e as 20 raças que relaciona com aquelas. São notáveis e originais algumas sínteses que fornece, como, por exemplo, sôbre os negros africanos e as populações asiáticas. Montandon aceita a ampla raça morena (mediterrânea) de Elliot Smith, marcando a sua área de distribuição da Europa ocidental à Polinésia. É um assunto de difícil solução. Com particular conhecimento de causa, o A. considera europeides os Ainos e admite uma grande difusão dos Europeoides na Ásia. São valiosos os quadros de diagnose racial que fornece.

O livro de Montandon deve andar nas mãos de todos os que se interessam pela Antropologia étnica.

MENDES CORRÊA.

PROF. DR. ALEXANDRE LIPSCHÜTZ — *Porque morremos* — Edição brasileira revista e actualizada pelo autor. Tradução de A. MEIRA e G. SELZOFF. Prefácio do PROF. DR. ÁLVARO OSÓRIO DE ALMEIDA, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Companhia Editora Nacional. 1 vol. de 243 págs., São Paulo, 1933.

Esta obra do insigne biólogo que dirige actualmente o Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Concepcion (Chile) teve já dezasseis edições alemãs e foi publicada ainda nas seguintes línguas: finlandês, estoniano, russo, letão e espanhol.

Agora, uma importante casa editora de São Paulo publicou-a também em português. Numa linguagem acessível a todos, Lipschütz ensina-nos o mecanismo da morte natural, segundo as mais recentes descobertas da fisiologia.

Começa Lipschütz por afastar um tanto a teoria, já fora de moda, de Metchnikoff, dos malefícios do intestino grosso e das suas bactérias, assim como dos maravilhosos efeitos remoçadores do leite azêdo. Os micróbios do intestino grosso não serão mais nocivos que uma habitação antihigiênica, o alcoolismo e o excesso de trabalho; e o leite azêdo é um medicamento salutar como tantos outros...

Lipschütz passa em revista os trabalhos mais recentes dos fisiologistas acerca da velhice, da morte e de outras questões conexas, não se esquecendo de falar com elogio nas experiências do nosso caro prof. Marck Athias acerca de enxertos do ovário.

Estuda, com grande desenvolvimento, a biologia das Paramécias e de outros seres mono-celulares, procurando estabelecer um acôrdo entre as experiências, aparentemente contraditórias, de Woodruff e de Maupas e outros investigadores. Estes estudaram os protozoários nas suas condições normais de vida, a qual termina pela morte, ao contrário do que sucede nas experiências levadas a efeito por Woodruff que, depois de alguns anos de estudo, libertando as Paramécias dos seus produtos de desassimilação, conseguiu, por assim dizer, tornar imortais aqueles animalculos. É estudada, com grande desenvolvimento, a senectude e a morte na série animal.

A morte natural é devida a uma atrofia lenta e progressiva das células, atrofia que é devida, para as células nervosas, à falta de divisão e à acumulação de produtos metabólicos.

Começa, dêste modo, a debilitar-se a função nervosa e, a seguir, as funções de tôdas as restantes células do organismo, que caminham assim para a morte rápida de tôdas elas.

As células que vivem unidas não podem eliminar convenientemente os seus resíduos metabólicos. É devido a essa grande imperfeição que teem de morrer, infalivelmente, todos os seres multicelulares.

Há quem diga que os animais pluricelulares são mais infelizes que os protozoários, porque êstes são imortais, estando aqueles fatalmente votados à morte. Não é bem assim.

Quando uma Paramécia se divide, originam-se dois novos seres, mas o que lhes deu origem desaparece como individuo, conquanto dêle não fique um cadáver.

Pelo contrário, a mãe e o pai multicelulares, para a procriação, tiram apenas uma partícula ínfima do seu corpo.

Como indivíduos, sobrevivem ao nascimento dos seus descendentes e não se transformam nêles.

Não dispomos do elixir de longa vida, mas sabemos que é insignificante o número de pessoas que morre de senilidade.

Os homens caminham prematuramente para o túmulo, porque vivem em moradas ruins, alimentam-se mal, correm sempre atrás de falsos valores e vegetam como escravos desconsolados do trabalho.

Se orientássemos mais racionalmente o nosso modo de viver, diz Lipschütz, chegaríamos aos setenta, aos oitenta ou aos cem anos cheios de alegria, contemplando uma existência de trabalho, alegrando-nos com os filhos, a quem ensinaríamos também uma vida alegre; então chegaria a hora da mais bela das festas: a morte fisiológica!

J. A. PIRES DE LIMA.

K. SALLER — *Eugenische Erziehung* — Leipzig, 1933.

Partindo da máxima de Spengler de que *o destino conduz os que querem e arrasta os que não querem* e de que o que somos o devemos aos nossos antepassados e o temos de transmitir aos vindouros, o A. mostra a necessidade da educação eugénica e indica as suas directrizes.

Expõe a noção e o problema da educação eugénica, os limites, possibilidades, e essência dessa educação, bem como as suas bases e as suas disposições especiaes.

Termina dizendo que devemos reconduzir a mocidade às leis da natureza de que anda afastada há muito tempo, e despertar-lhe a idéa de que o futuro será melhor do que o presente.

ALFREDO ATAÍDE.

HUGO OBERMAIER — *Über die Verwendbarkeit der altweltlichen Paläolithypen für die prähistorisch Chronologie auf amerikanischen Boden.* — Extr. de «Wiener Prähistorischen Zeitschrift», vol. XIX, 1932.

Nesta comunicação feita ao 24.º Congresso Internacional de Americanistas, realizado no ano de 1930 em Hamburgo, o ilustre prè-historiador trata da possibilidade da aplicação dos tipos paleolíticos do velho mundo à cronologia prè-histórica do continente americano.

Aponta que tanto o paleolítico inferior como o superior possuem, na Europa, formas características de utensílios líticos que permitem determinações de idades absolutamente legítimas. As estações de objectos de pedra que se encontram desde a Índia até à Inglaterra, formam, a-pesar-das suas variantes, uma cadeia essencialmente unitária, que demonstra terem sido povoadas por uma humanidade primitiva a Europa, o Norte da África, a Ásia Menor, a Síria, a Mesopotâmia e a Índia. A indústria lítica, de Stellenbosch na África do Sul, oferece uma surpreendente analogia com o Chelleo-Acheulense europeu coincidindo as fases mais modernas da parte sul do continente africano com o paleolítico superior e mesolítico da Ásia Menor e da Europa.

Quanto à Austrália e à América nada se sabe até hoje. Relativamente a êste último continente corre a discussão há longos decénios, sem ter sido possível, até agora, obter qualquer esclarecimento satisfatório.

O A. visitou o Museu de Washington e estudou as colecções aí existentes; encontrou tipos semelhantes aos do paleolítico inferior da Europa, que apareceram, nalgumas estações, conjuntamente com tipos característicos do paleolítico superior europeu. Da verificação dêste facto infere o A. que o método arqueológico e tipológico, que na maioria dos casos, permite uma diagnose legítima relativamente ao achado do pleistoceno no velho continente, falha quando o pretendemos aplicar à América.

Examinou ainda o A., em 1926, as colecções da estação de Miramar, província de Buenos-Aires, na Argentina e, a-pesar-da complexidade dos objectos achados, diz ter o conjunto o cunho de material mais recente.

Não custa a admitir, diz o A., que o homem dos Pampas tenha possuído uma cultura rica no fim do terciário ou no princípio do quaternário e se tenha depois conservado em estagnação, até à actualidade geológica mais recuada.

E o A. termina afirmando que não é hipotético dizer-se dos achados americanos que êles são muito antigos, em todo o caso

não se pode concluir por uma idade pleistocénica. Se a geologia e a paleontologia, até hoje, não deram uma conclusão definitiva, também a tipologia, creada em terras do velho continente, não conduz a uma solução satisfatória.

A. A.

J. CARBALLO & J. LARÍN — *Exploración en la gruta de «El Pendo» (Santander)* — N.º 123, Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, Madrid, 1933.

Esta importante memória relata as explorações do dr. J. Carballo na gruta de El Penedo, conhecida já há muito e que em parte fôra revolvida por extracções de terras negras, feitas por camponeses, mas que pôde ainda fornecer, em condições de segurança científica, preciosos materiais, ao P.º Carballo e aos investigadores que, com êle, colaboraram (além do dr. Larín, o arqueólogo Fernando Carrera e a *American School of Prehistoric Research*).

O A. descreve sucessivamente e com minúcias, as condições de jazida, a indústria lítica, a indústria osteológica, as gravuras parietais e queráticas, etc. Apareceram, segundo o A., alguns objectos únicos. O mais notável é seguramente o magnífico scetro ou bastão gravado, de que, além do P.º Carballo, se ocuparam também já S. Reinach, Morlet, Mac Curdy, Santa Olalla e, sobretudo, Obermaier. Nesta peça vêem-se, além de figuras de cervídeos e equídeos, alguns sinais alfabéticos.

A indústria querática é ali muito mais abundante do que a lítica. O A. entende que o azilense espanhol está em contacto imediato com o madalenense e é acompanhado de fauna paleolítica. As suas explorações forneceram muitas peças de tipos madalenenses e azilenses.

Quando mesmo estas explorações nada mais tivessem fornecido além do bastão mencionado (o que aliás se não deu), elas constituiriam já uma lúdima glória para o dr. Carballo.

M. C.

DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO — *Dispersos* — 1 vol. ilustr. de cêrca de 500 págs., Coimbra, 1933.

Em bela edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, deu-se à estampa, comemorando o 1.º centenário do nascimento de Martins Sarmento, uma colectânea de trabalhos dispersos do

ilustre vimaranense, publicados entre 1876 e 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica. A benemérita Sociedade Martins Sarmento, representada para este efeito por uma comissão especial, constituída pelos srs. Domingos da Costa Araújo, capitão Mário Cardoso e Ruy de Serpa Pinto, foi a organizadora deste excelente volume, que, com a sua alta inteligência e rasgada iniciativa, a direcção da Imprensa da Universidade resolveu editar.

Um lúcido e criterioso prefácio da comissão, anotações bibliográficas (sobretudo relativas às inscrições) elaboradas com proficiência e oportunidade por Mário Cardoso, úteis índices de nomes de autores, de nomes mitológicos e históricos e de nomes étnicos e geográficos, também devidos ao infatigável e talentoso presidente da Sociedade, acompanham os trabalhos de Sarmento, bem como a *Citânia* de Hübner, cuja publicação é feita para que se possam bem compreender as observações de Sarmento a esse trabalho do grande epigrafista alemão.

Naturalmente, em tantas dezenas de anos já decorridos não faltaria bastante que acrescentar aos escritos de Sarmento, ou mesmo que nêles modificar. Mas a comissão fez bem em não se espriar em comentários que seriam necessariamente longos e diluiriam o esforço original do autor, e limitou-se, com acerto, a aludir no prefácio ao avanço e evolução daqueles estudos desde Martins Sarmento até hoje, salientando, porém, com justiça, os méritos que pertencem ao glorioso erudito como verdadeiro iniciador em muitos desses estudos e como pesquisador e coordenador inteligente e incansável de preciosos materiais.

Este volume representa um alto serviço, pois que os homens cultos do país e do estrangeiro ficarão possuindo, reunidos num volume, trabalhos dispersos, de necessária consulta em pesquisas eruditas, trabalhos dos quais muitos se encontravam em revistas e publicações, hoje raras ou quasi inacessíveis à maioria dos investigadores.

À comissão organizadora do volume — especialmente a Mário Cardoso — e ao ilustre director da Imprensa da Universidade, prof. Joaquim de Carvalho, são devidos os maiores louvores e o vivo reconhecimento de todos os estudiosos.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Explotaciones mineras de la Edad del Bronce en Portugal* — in «Investigacion y Progreso», N.º 6, Año VII, págs. 177-181, 2 figs., Madrid, 1933; *O Castro de Sendim. Felgueiras* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 376-380, 4 figs., Guimarães, 1933.

O problema complexo do início das explorações do sub-solo de Portugal, em especial das explorações mineiras do cobre, do estanho e do ouro, é posto em foco pelo malogrado investigador da escola de Antropologia do Pôrto.

Da interessante coincidência da distribuição dos machados de talão com a região do estanho, situada na metade norte de Portugal infere a existência, na idade do bronze, dum centro cultural no noroeste peninsular, e a existência de relações comerciais com a França e o sul da Inglaterra, dado o aparecimento ali de alguns machados de talão com dois aneis, o característico machado de tipo galaico-lusitano.

Este e outros não menos curiosos pontos de vista faziam de Rui de Serpa Pinto um investigador de muito merecimento.

Ainda dentro da actividade mineira na idade do bronze tinha Serpa Pinto apresentado uma hipótese interessante sobre o problema da *calaite*. Identifica as contas e pingentes dos colares pré-históricos de *calaite* com a *lazulite*, mineral verde-azulado que o sr. Prof. Castro Portugal, da Faculdade de Ciências do Pôrto, descobrira no Minho junto a Caminha.

O segundo trabalho constitui uma nota preliminar, dum estudo de maior fôlego, que a morte traiçoeira lhe não deixou realizar. Trata do castro em geral, e em especial dum fragmento dum vaso com ornatos estampados, ali descoberto numa excavação realizada pelo A.

O tipo do vaso, e principalmente a decoração formada por círculos concêntricos, triângulos riscados e «escudêtes carregados de besantes» leva o A., após eruditas considerações sobre a distribuição geográfica de cada um desses tipos ornamentais, a emitir justificados pareceres sobre a cultura castreja, sua origem, características e afinidades.

SANTOS JÚNIOR.

AFONSO DO PAÇO — Vaso de bôrdo horizontal, de Vila Fria — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmiento», págs. 272-276, 2 figs., Guimarães, 1933.

Numa excavação realizada no Monte da Ola, Vila Fria, concelho de Viana do Castelo, além doutros achados apareceu um vaso de factura manual, em forma de chapéu e de bôrdo horizontal, apresentando grosseiras ornamentações incisadas.

O A. faz o estudo dêsse vaso, dando por último o inventário dos achados portugueses do mesmo género e uma carta com a sua distribuição.

S. J.

A. A. MENDES CORRÊA — Valencianos e Portugueses — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmiento», págs. 242-254, 3 figs., Guimarães, 1933; Martins Sarmiento e a consciência nacional — Conferência realizada na Soc. M. S. na sessão solene de 11 de Junho de 1933 — Sep. da «Rev. de Guimarães», vol. XLIII, 16 págs., Guimarães, 1933; La taille des Portugais d'après les os longs — in «Hommage au Prof. Matiegka», págs. 268-272, «Anthropologie», X, Praha, 1932; Introdução à Antropobiologia — Ed. da Academia das Ciências de Lisboa, 84 págs., 4 figs., Lisboa, 1933.

No antigo reino de Valência, que hoje corresponde às províncias do leste espanhol, de Valência, Alicante e Castelon, vive um povo que tem afinidades de vária ordem com a gente de Portugal, algumas das quais já têm sido postas em evidência por alguns escritores.

O sr. Prof. Mendes Corrêa no trabalho que analisamos, proclama interessantes afinidades antropológicas entre os valencianos e os portugueses, pondo-as em destaque num demonstrativo diagrama elaborado sôbre elementos fornecidos pela estatura e pelo índice cefálico, que são sem dúvida dois caracteres antropológicos de primeira ordem.

De resto, a aproximação entre os dois povos peninsulares observa-se ainda noutros caracteres antropológicos tais como o índice orbitário, o índice facial e outros, o que permite ao sr. Prof. M. C. «admitir maiores afinidades antropológicas da área valenciana com Portugal, do que com qualquer outra região de Espanha.»

Em seguida sugere a possibilidade de considerarmos alguns caracteres da «gente valenciana e de certos tipos provinciais portugueses» como resultantes «duma influência muito importante dum elemento eurafriano.»

Abordando o problema da origem dêsse elemento eurafriano e a data da sua penetração na região de Valência e em Portugal baseia-se na etnologia pre-histórica e na arqueologia para emitir a hipótese de que «deve procurar-se anteriormente à segunda idade do ferro a fixação dos parentes dos Iberos mediterrâneos no interior e no ocidente da Península.» Desta forma o Prof. M. C. não atribue ao desterro dos soldados de Viriato, ordenado por Décimo Júnio Bruto para terras de Valência, «um papel demogénico que justificasse as analogias antropológicas luso-valencianas, antes foi procurar mais longe a sua origem, autorizado pelo que hoje se sabe de Antropologia e Arqueologia dos dois países.»

No segundo trabalho, que constituiu assunto duma conferência na sessão comemorativa do centenário do nascimento do insigne arqueólogo vimaranense, o A. faz uma síntese dos estudos de arqueologia portuguesa até Martins Sarmiento, pondo bem em relêvo a grandeza da obra sarmentina, e o notável concurso da mesma para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos em Portugal.

Termina por um hino de nacionalismo puro de que transcrevo o final:

«É necessário fortalecer no povo português as qualidades intrínsecas, essenciais, que tornam as nações respeitadas e felizes. Leve-se a efeito o programa de reconstituição de Portugal, sem quebra de continuidade espiritual e evolutiva com o passado, com um passado em cuja contemplação inerte não devemos quedar-nos embevecidos, mas que não podemos nem devemos renegar, porque dêle vieram até nós, porque êle nos legou dons inestimáveis, estímulos preciosos, exemplos de virtude duma beleza imortal.»

A-pesar-de termos já elementos para a estatura dos portugueses, obtidos por mensuração directa no vivo, o trabalho do sr. Prof. M. C. sôbre a estatura dos portugueses, baseada nos ossos longos, não deixa de ter o maior interêsse. É que precisamente se torna necessário averiguar até que ponto é seguro o método de determinação de estatura pelos dados que fornecem os ossos longos. E se nos lembrarmos do pequeno número de estudos antropológicos realizados no vivo, que nos possam fornecer dados sôbre a estatura da mulher portuguesa adulta, maior é o interêsse do estudo que analisamos.

São do teor seguinte as conclusões a que chega o sr. Prof. M. C.:

«Malgré l'insuffisance de ces données on peut conclure que la reconstitution de la taille d'après les os longs, donne, chez les Portugais des deux sexes, des valeurs qui ne s'écartent pas considérablement des résultats obtenus directement sur le vivant, mais qui sont peut-être légèrement plus bas que ceux-ci. Évidemment on ne peut exiger des méthodes de reconstitution de la taille que des approximations. On constate que les valeurs 1^m,63 et 1^m,52, que nous pouvons retenir de mes calculs comme correspondant respectivement à la moyenne masculine et féminine, tout en étant peut-être un peu inférieures aux moyennes obtenues chez le vivant, les touchent de très près. Ce qui équivaut à dire que les méthodes proposées par les auteurs étrangers sur des séries également étrangères, pour la reconstitution de la taille, peuvent être appliquées avec une certaine confiance pour les Portugais dont, en effet, les canons de proportions ne s'écartent pas sensiblement de ceux des Européens en général.»

«Introdução à Antropobiologia», constituiu o tema das lições feitas pelo autor no curso de Altos Estudos, organizado pela Academia de Ciências de Lisboa no ano de 1932.

A primeira lição foi sobre — «Antropomorfologia, antropobiologia, grupos sanguíneos, individualidade hemática dos portugueses.» A segunda versou — «Constituição, raça, endócrinas. A personalidade humana.» Todos estes assuntos são tratados com largueza.

Têm interesse especial as conclusões a que chega ao estudar a percentagem dos homens notáveis pelas diferentes províncias. É grande a percentagem nas cidades universitárias, sendo Coimbra a que figura com taxa mais elevada. Nas diferentes províncias a percentagem das notabilidades vai sendo cada vez menor à medida que nos vamos afastando dos grandes centros de cultura do país. Isto é posto em destaque pelo sr. Prof. M. C. para dizer: «Prova-se em suma a influência do meio na aparição das notabilidades. É, de resto, o meio que as estimula, que as favorece, mesmo que as proclama.»

Qual o destino, que futuro espera a espécie humana?

O A. faz a pergunta, responde e acrescenta:

«É de crer que os progressos admissíveis na estirpe humana se venham a operar sobretudo no domínio psíquico. Emfim, a personalidade humana é mais do que uma simples integração biológica. Mas, a-pesar-disso e das lacunas e incertezas dos estudos da Antropobiologia, confio na acção útil desta ciência no aperfeiçoamento físico e moral da humanidade.»

S. J.

EUGÉNIO JALHAY — Dr. Rui de Serpa Pinto — «Brotéria», XVIII, Lisboa, 1934.

Elogio científico do saudoso e notável investigador, proferido na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto. O p.^o Eugénio Jalhay, que tão de perto acompanhou os trabalhos de Serpa Pinto sobre o asturiense português, estava naturalmente indicado para pronunciar êsse elogio, que põe bem em evidência o labor e as qualidades do malogrado cientista, tão prematura e cruelmente arrancado à vida, aos seus, à sua Pátria, aos seus trabalhos e àqueles que, como nós, tanto o estimavam e admiravam.

M. C.

EUSÉBIO TAMAGNINI — Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa — II. O índice facial superior — «Rev. da Fac. de Ciências da Univ. de Coimbra», vol. III, n.^o 2, Coimbra, 1933.

Continuando a sistematização das observações antropométricas realizadas pelo sr. José António dos Santos, sob a direcção do A., em perto de 12:000 soldados portugueses, o sr. Prof. Eusébio Tamagnini ocupa-se, nesta memória, do índice facial superior, que, como êle recorda, já fôra também estudado há anos pelo sr. Professor Barros e Cunha numa série de 417 crânios portugueses identificados do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Os resultados dos dois estudos concordam sensivelmente, tendo o sr. Prof. Tamagnini podido examinar ainda a distribuição do índice facial por distritos, alguns dos quais se encontravam insuficientemente representados na série de crânios antes estudada.

As diferenças regionais encontradas são pequenas (a maior é inferior a 2 unidades). No entanto verifica-se nos distritos de Vila Real, Viana, Pôrto, Coimbra, Lisboa e um pouco ainda no de Bragança uma tendência significativa à leptenia, ao passo que nos de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Castelo Branco, Leiria e Viseu há a tendência oposta, que se manifesta também ligeiramente nos distritos de Braga e Aveiro.

O A. relaciona ainda estas diferenças locais com as da estatura e do índice cefálico, dando num quadro final a síntese dos seus resultados. As tendências provinciais relativas são, para a estatura, índice cefálico e índice facial, respectivamente:

Trás-os-Montes: macrosomia, dolicocefalia e leptenia; Entre Douro-e-Minho: macros., braquic., lept.; Beira Litoral: micros., dolioc., lept.; Beira Baixa: micros., dolioc., eurienia; Beira Alta: mesos., dolioc., eurien.; Extremadura: micros., braquic., eurien.; Alentejo: mesos., braquic., eurien.; Algarve: macros., braquic., eurien.

Naturalmente o valor taxonómico dos três caracteres estudados não é o mesmo. O índice cefálico é de-certo o mais importante. Além disso, para a solução do nosso problema etnogénico é talvez mais interessante o estabelecimento de tipos discriminados pelo método selectivo, do que as médias de grandes massas de observações constituídas ao acaso.

O sr. Prof. Tamagnini, nalgumas considerações gerais, afirma, de facto, a necessidade de modificar os métodos de trabalho, em vista da extrema complexidade do problema, mas não aceita a *falência da antropologia clássica*, «declamação sonora — escreve — com que muitos pretendem encobrir desalentos de vaidade insatisfeita.» Para o A., «a ciência nunca faliu» e «a lei científica jamais poderá ser considerada falsa.»

M. C.

E. ROQUETTE-PINTO — *Ensaio de Anthropologia brasiliana* — I vol. de 180 págs., São Paulo, 1933.

O illustre director do Museu Nacional do Rio de Janeiro reúne neste volume vários estudos seus sobre a antropologia do Brasil e sobre questões gerais de eugenia, cruzamentos e valor relativo das raças, povoamento, etc. São particularmente importantes os resultados dos seus trabalhos metódicos sobre os caracteres antropológicos dos brancos, dos mestiços e dos negros no Brasil.

Seguindo o modelo apresentado por Porteus & Babcock com as suas investigações de psicologia social no Hawai (em que os Portugueses não parecem tratados com imparcialidade) o Prof. Roquette-Pinto conclue do seu próprio inquérito que os caracteres psicológicos dominantes em cada grupo relativamente aos outros são, no seu país: Brancos — previdência, pertinácia; mulatos — sugestibilidade, impulsividade, conciliação; caboclos — decisão, self-control, fidelidade.

A antropologia, afirma o A., prova que o homem, no Brasil, precisa de ser *educado*, não *substituído*.

M. C.

OTTO AICHEL, GRUNNAR MOLLER HOLST — *Ergebnisse einer Forschungsreise nach Chil-Bolivien*, Stuttgart, 1932.

Apresentam, neste bem elaborado e detalhado trabalho, os AA. os resultados da sua viagem de investigação científica pelo Chile e Bolívia.

No primeiro capítulo trata o primeiro dos AA. do problema das deformações cranianas, e repele os pontos de vista de Imbelloni sobre este assunto.

Divide os tipos das deformações em três grupos: o 1.º abrange os tipos principais, provocados por compressão fronto-parietal, bregmático occipital e a cónica; o 2.º as combinações obtidas por plâcas laterais, berços e ligaduras circulares; no 3.º inclue as deformações assimétricas.

Para o A. nem todos os achatamentos do lambda resultam de deformações cranianas.

O segundo dos AA. apresenta os resultados do estudo feito sobre o ouvido externo dos crânios sul-americanos. Estuda as exostoses, as exostoses no bordo e no contorno externo do meato auditivo, bem como a etiologia dessas exostoses. Observou ainda a forma e mediu a abertura dos meatos auditivos, mas não encontrou diferença apreciável entre as medidas feitas nos crânios normais e nos deformados.

Ainda o primeiro dos AA. estudou a prega mongólica na população do Chile e na da Colômbia, mas como diversos autores confundem a prega mongólica com o epicanto, não pôde diferenciar bem o epicanto pequeno da prega mongólica.

A. A.

P. RIVET — *Les Océaniens* — Extr. do «Journal Asiatique», Paris, 1933.

São bem conhecidos os trabalhos do illustre professor de Antropologia do Museu de História Natural de Paris, sobre as populações da Oceânia e suas extensões a outras regiões do globo. O presente estudo é uma síntese valiosa desses importantes trabalhos, em que o A. se apoia em elementos somatológicos, etnográficos, lingüísticos, patológicos, etc., muitos dos quais resultantes de suas próprias investigações.

Sobre o seu parecer fundado numa migração dos Australia-

nos para a América, Rivet recorda e aceita francamente a hipótese que emiti, da utilização dum via antártica para essa migração: «Je me suis — escreve (pág. 240) — d'autant plus volontiers rallié à cette idée que les géologues admettent que ces régions, aujourd'hui si inhospitalières, ont pu présenter des conditions climatiques meilleures, suffisantes pour permettre le passage d'un peuple primitif vivant uniquement de chasse et de pêche, il y a environ six mille ans. Cette hypothèse nous permettrait de fixer d'une façon approximative la date de l'arrivée de ces premiers émigrants océânicos em América et nous expliquerait à la fois la faible influence qu'ils ont exercée et la localisation de cette influence aux régions méridionais du Nouveau Monde.»

Em relação à teoria de Elliot Smith, a de Rivet, das antigas migrações da Australásia e da Insulíndia, através do Índico e do Pacífico, para a Ásia, Europa e América, distingue-se sobretudo por naquela ser o Egito o ponto de partida dos movimentos migratórios.

Rivet muito amavelmente alude à coincidência das nossas opiniões sobre a possibilidade da existência dum antigo substrato oceânico, ou mais ou menos australóide, na antropologia da Europa mediterrânea e doutras regiões: M. C. — escreve — «a déjà entrevu la possibilité de cette filiation dans un... travail qui m'avait échappé, parce qu'il a paru pendant la guerre: *Sobre uma forma craniana arcaica. Anais científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto*. Pôrto, t. IV, n.º 1, 1917-1918, págs. 1-79. La concordance générale des idées du... anthropologiste portugais avec celles que j'expose ici a d'autant plus de valeur, qu'elle s'est produite d'une façon absolument indépendante» (pág. 247, nota 2).

Sinto muito prazer nesta convergência de opiniões, mas devo notar que a minha se fundava apenas na distribuição de alguns caracteres somatológicos (como a hipsistenocefalia), ao passo que o trabalho de Rivet assenta, como já disse, numa ampla massa de documentos não só de antropologia somática, mas também doutras disciplinas como a etnografia, a linguística, etc. Isto permite ajuizar da enorme importância desse trabalho, em que Rivet conclui por apontar a curiosa coincidência da carta da expansão dos povos oceânicos com a da repartição da civilização chamada «do arco melanésio» e com a da distribuição da mancha pigmentar congénita, indevidamente chamada mancha mongólica. Ainda a propósito deste último assunto, o A. cita as percentagens que, com Gonçalves de Azevedo (filho), demos para a mancha azul congénita nos recém-nascidos portugueses.

Durante a impressão do artigo de Rivet, trabalhos de Täuber e Fritz Sarazin trouxeram novos apoios à tese exposta sobre o

papel importante do Australo-Melanésios e dos Oceânicos em geral no povoamento do globo e na história da cultura.

M. C.

PROF. LUÍS DE PINA — *Estudo Antropológico da Mulher Portuguesa do Norte* — I. *Estatura*. Extr. «Arq. Repart. de Antropologia Criminal, Psicol. Exper. e Identificação Civil do Pôrto», vol. II, fascs. 1 e 2, 1932; *Dactiloscopia Portuguesa: A ansa dupla* — (*Ibid.* mesmo vol. e fasc.); *La morphologie du crâne portugais* — (XV^e Congr. Internat. d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique, V^e Session de l'Institut International d'Anthropologie), Paris, 1931. Extrait. Paris, Nourry, 1933.

O Prof. Luís de Pina, da Faculdade de Medicina do Pôrto, ocupa-se, desde há muito, da Antropologia do povo português, a respeito da qual tem já publicado bom número de monografias e memórias, bastante apreciadas pelos especialistas. No primeiro estudo, o autor continua a série interessante dos trabalhos sobre a morfologia das populações do N. do país, em séries numerosas, que fornecem grande número de caracteres, que não tinham sido bem apreciados, nesta região continental. Na presente memória, trata-se da estatura, observada em 3:652 mulheres, no Serviço de Identificação Civil do Pôrto, com o rigor de técnica que é peculiar do autor e dos serviços oficiais sob a sua acertada fiscalização. A média observada é de 1,530 mm., na classe de maior frequência; a máx. = 1,760 mm. (1 caso); mínima, 1,320 (2 casos); mediana, 1,54 mm.

A estatura da mulher portuguesa é aqui, em comparação, com a do português, inferior em 11^{cm},7. Pelo emprêgo do método de Frassetto, das curvas binomiais *standardizadas*, o valor da estatura feminina é de 153 c. Em comparação com as estrangeiras, a estatura da mulher portuguesa é inferior à destas, calculada segundo a estatística de Graffi, de Bolonha.

O estudo das variantes dos relevos dactyloscópicos, tanto em Portugal como no estrangeiro, não foi ainda seguido com a necessária pertinácia e observação, mas é certo que êle é útil nas determinações que o método dactyloscópico é destinado a conseguir, no domínio da identificação.

O interessante trabalho do Prof. Luís de Pina, para estudar a *ansa dupla* ou *verticilo sinuoso* de Vucetich ou *turbilhão*, mostra que a frequência desta figura é próximamente a mesma (29 e 30) no homem e na mulher, maior número de vezes no polegar e no

indicador, em ambos os sexos, sem constituir carácter sexual. É contudo um assunto a resolver, êste da dupla ansa dactiloscópica, que atraiu também as atenções dos especialistas lá de fora, como E. Locard, Windt e Kodicek, Bonnevie e Obiglio, bem como do dr. Manuel Valadares, introdutor entre nós do sistema Galton-Henry.

Àcerca da forma do crânio nos portugueses, oferece-nos o Prof. L. Pina um trabalho executado nos moldes dos que foram feitos para os italianos por Frassetto e Elsa Graffi, estes por sua vez baseados no método de G. Sergi. A série observada foi de 350 crânios (175 H + 175 M) adultos (25 a. ou mais) dos cemitérios do Pôrto, conservados no Mus. do Instituto de Anatomia (Fac. de Med. da Univ. do Pôrto). A frequência das formas, divididas em dois grandes grupos — *Dolicomorfos* e *Braquimorfos* —, é de 34,8 % de Elipsoides; 44,0 Ovoides; 12,5 Pentagonoides Euripentagonoides 0,5; Esfenoides 7,4; Esferoides 0. Apresentam-se frequentemente as formas eurafricanas estenomorfos-dolicomorfos, sendo pequeno o número de braquimorfos. As formas foram confrontadas com os índices cefálicos. As mais frequentes entre os crânios portugueses observados foram Elipsoides e Ovoides e depois as Estenopentagonoides.

BETHENCOURT FERREIRA.

M. DA SILVA LEAL & J. DE ESPREGUEIRA MENDES — *Quelques cas de polydactylie* — «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. VII, Coimbra, 1932.

Descrição de quatro casos de polidactilia, observados pelos AA. no seu serviço de Radiologia. Trata-se de três casos de hiperdactilia radial e dum caso de hexadactilia do pé esquerdo com macrodactilia do dedo supranumerário, que, pela radiografia, se vê resultar dum desdobramento quasi completo do 5.º raio metatarso-falangiano. Os outros casos não teem todos o mesmo grau de divisão.

Os AA. recordam, a propósito, os estudos do sr. Prof. J. A. Pires de Lima e de outros investigadores portugueses sobre a hexadactilia.

M. C.

AMÂNDIO TAVARES & G. D'AZEVEDO, FILHO — *Agénésie du pénis chez un nouveau-né* — «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. VII, Coimbra, 1932.

Trata-se duma observação na Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina do Pôrto. É um caso de ausência completa e real do pénis, acompanhada de sínfise renal. As bolsas testiculares eram normalmente desenvolvidas e o orifício uretral estava no fundo do sulco internadegueiro, sem que houvesse qualquer comunicação entre a uretra e o intestino. As duas anomalias — ausência *real* do pénis e sínfise renal com ectopia e perda de forma dos rins — são muito raras. A criança morreu ao 7.º dia, com icterícia generalizada, graves alterações inflamatórias do rim, etc.

M. C.

J. A. PIRES DE LIMA — *À propos d'un nouveau cas d'ectromélie* — «Annales d'Anat. Pathol. et d'Anat. Normale Médico-Chirurgicale», X, Paris, 1933; *Novos casos de inter-sexualidade* — «Medicina Contemporânea», Lisboa, 1933.

O sábio anatómico português, a vários casos de ectromelia humana ou animal que já descreveu, junta no primeiro trabalho mais um, o duma criança de 19 meses a quem faltavam os membros do lado direito. Esta criança era, além disso, portadora de pé bôto hipodáctilo.

No segundo estudo o sr. Prof. Joaquim A. Pires de Lima, publica mais três casos de anomalias dos órgãos génito-urinários a juntar à longa lista de que já deu notícia no seu importante volume *Vícios de conformação do sistema uro-genital*. Trata-se dum epispádia limitado à região balânica (que foi operado com êxito pelo Prof. Óscar Moreno), dum caso de intersexualidade por hipospádia perineal que ocasionou um êrro de sexo, e emfim dum caso de exostrofia vesical. O A. recorda alguns outros casos da bibliografia portuguesa do assunto.

M. C.

AFONSO DUARTE — Os desenhos animistas de uma criança de 7 anos — Sep. de «O Instituto», vol. 86.º, n.º 1, 28 págs., 4 est., Coimbra, 1933.

Este trabalho foi apresentado, em conferência, pelo seu A. na nossa Sociedade em Julho de 1933.

Sobre 48 desenhos infantis faz interessantes considerações acerca da maneira como as crianças exprimem os seus pensamentos, afirmando que «a criança percebe, pensa, raciocina ou actua, como desenha, mais do que como fala.»

Analisando cada um dos desenhos, encontra interessantes exemplos de sincretismo, animismo, realismo nominal, mágico-animismo e mágico-artificialismo.

S. J.

M. DA SILVA LEAL — Um aspecto particular da sodomia e do uranismo — «Portugal Médico», Pôrto, 1933.

O dr. Manuel da Silva Leal examina com saber, lucidez e bom senso a questão da atitude do médico perante as aberrações homossexuais e suas conseqüências de várias ordens, especialmente as lesões locais por elas ocasionadas. Além duma bibliografia a que não falta a menção dum caso de gonococcia rectal, descrito em 1715 por Madeyra Arraez, cita vários casos que tem observado e põe em evidência o papel importante do clínico na terapêutica dessas aberrações e dos males que elas ocasionam.

M. C.

DR. FALCONE LUCIFERO — Biotipo humano e criminologia.

O dr. Falcone Lucifero é um ilustre advogado de Roma, secretário do «Centro Romano di Studi sulla Delinquenza minorile», ao qual dedica extremos cuidados e louvável atenção. Tive o prazer de o conhecer na capital romana, em 1931, datando desse ano a boa amizade que nos liga. Colaborador do *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal do Pôrto*, enviou-me o dr. Lucifero, ultimamente, um curioso artigozinho seu publicado num mensário italiano, com o pedido de republicação no citado *Arquivo*. Fá-lo-

-emos com todo o prazer; mas é irresistível a tentação de, neste órgão da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» dizer algumas palavras a seu respeito. O dr. Lucifero relata o que foi a «XXII Reunião da Associação Italiana para o Progresso das Ciências», realizada de 12 a 18 de Outubro de 1933, em Bari, e à colaboração dos juristas na mesma, que considera boa, mas insuficiente e de poucas novidades. Contudo, é com grande entusiasmo que se refere ao belo discurso do ilustre morfologista dr. Nicola Pende, professor de medicina em Génova, que versou assuntos da sua especialidade, numa síntese magnificamente arquitetada.

O dr. Lucifero, sendo advogado, crê que somente o estudo profundo do delinqüente poderá servir de base à orientação dos novos códigos penais, falando-nos da *personalidade do criminoso* (*tendências criminais, periculosidade, intoxicações, etc.*), da *imputabilidade*, da *responsabilidade penal*, etc.

Emfim, o dr. Lucifero vê, no estudo da relação da complexa estrutura fisiopsíquica com as acções o fulcro dos mais seguros estudos criminais, desejando que os magistrados e advogados conheçam as ciências subsidiárias do Direito, como sejam a Antropologia, a Psicologia, etc., bem como os fundamentos da *Biòtiologia* que Pende tão inteligentemente trata, augurando belos resultados a este tão particular ramo da biologia humana, no que respeita ao estudo dos criminosos. Aponta o dr. Lucifero as quatro *faces* da personalidade humana, que o ilustre professor genovês adopta: I morfológica, II humoral dinâmica, III caracterológica ou afectiva-volitiva, IV intelectual.

Descriminando um pouco o que sejam essas quatro *faces*, falando-nos das harmonias e desharmonias do crescimento, da sexualidade, dos temperamentos, do *habitus* morfológico e *carácter* (asténicos, instáveis, normosténicos, bradiprágicos, taquiprágicos, hiper-e hipò-tiroideus, hiper-e hipò-pituitáricos, hiper-e hipò-suprarrenálicos, etc.), emocionabilidade, etc., etc., o autor passa às aplicações imediatas das doutrinas de Pende: à medicina clínica, à ortogénese psíquica e somática, à educação física e desportiva racional, à pedagogia, à organização do trabalho humano, etc., pondo em destaque a sua importância no estudo dos delinqüentes. E diz:

— «Come faranno magistrato e avvocato con le loro modeste cognizioni biologiche a valutare *capacità d'intendere e di volere, coscienza e volontà* de ciascun biotipo humano, che è differente da ogni altro e che per essere valutato ha bisogno di sì complesso esame?» —

Refere os progressos da Biòtipologia e a orientação dos legisladores italianos no sentido da individualização da pena:

— «segnano, a mio parere, di pari passo l'evoluzione ovunque del processo penale nel senso già in parte adottato con anti-veggezza e intuizione dal legislatore facista, circa appunto la necessità di determinare la personalità del delinquente e di individualizzare la pena.»

Por fim, indica que:

«al magistrato debbono essere forniti, sia per il giudizio che per l'esecuzione della pena, i dati su ciascun giudicabile, su ciascun *biotipo umano*, dal medico specializzato».

Esta pequena referência ao trabalho do dr. Falcone Lucifero, adepto fervoroso das modernas doutrinas criminais, é bem merecida, porquanto é de admirar que um homem da Lei seja tam francamente apaixonado das mesmas e aconselhe aos colegas e juizes o seu conhecimento, para melhor aplicação do Código.

Infelizmente, nem em todos os países existem indivíduos demonstrando tam imparcial critério. No campo da Jurisprudência são êles muito raros; se aparecem, revelam-se suspeitos descrentes! E, contudo, no campo da criminologia, é cada vez mais necessário o acôrdo da Medicina e do Direito, do Médico e do Advogado, do Biologista e do Legislador!

LUÍS DE PINA.

W. BERARDINELLI & JOÃO L. DE MENDONÇA — *Biotipologia Criminal* — 1 vol. de 200 págs., Rio de Janeiro, 1933.

Neste pequeno volume da «Biblioteca de Cultura Científica» dirigida pelo eminente professor Afrânio Peixoto, os autores, respectivamente médico-antropologista no Rio e médico-criminologista na Baía, fazem uma síntese dos modernos estudos de biotipologia dos criminosos, constituindo o seu livro um trabalho do gabinete de Antropologia Criminal do importante Instituto de Identificação que na capital federal do Brasil dirige com proficiência e dedicação o ilustre professor Leonídio Ribeiro, prefaciador do volume.

Os AA. expõem as classificações biotipológicas, e os métodos usados, especialmente os de Viola, Barbara e (sobretudo para o

temperamento e carácter) Kretschmer. Em seguida, tratam então da biotipologia criminal que entendem dever distinguir da Antropologia Criminal, se bem que reconheçam que a escola neo-positiva desta é já precursora daquela. Conquanto, como Afrânio Peixoto e nós mesmo, as julguem artificiais, fornecem várias classificações de criminosos. Mais interessante é sem dúvida o biotipograma criminal que expõem, com as exemplificações num assassino e num gatuno.

Sinceramente entendemos que a Biotipologia Criminal está dentro das mais recentes orientações da Antropologia Criminal. A respectiva técnica (que os AA., em palavras amáveis, supõem não ser por nós usada) é hoje empregada por nós no Instituto de Antropologia do Porto e por Luís de Pina na Repartição de Identificação e Antropologia Criminal da mesma cidade. Não vemos, pois, necessidade de estabelecer, como os AA. com entusiasmo preconizam, uma cisão entre aquelas duas disciplinas. Não vale a pena por uma questão de nomes dissociar esforços que, conjugados, se tornarão mais úteis. Tanto mais que, no fundo, todos estamos de acôrdo, porventura com pequenas diferenças no cômputo do valor relativo dos vários factores do crime.

M. C.

F. BOUZA-BREY — *Máscaras galegas de origem prehistórica* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», págs. 73-82, 3 figs., Guimarães, 1933.

Minucioso e interessante estudo etnográfico sôbre uma curiosa máscara galega, *O cigarrón*, que no entrudo, e gosando de imunidades especiais, corre muitas aldeias da região, divertindo-se e divertindo os outros.

O cigarrón é um traje garrido com calções de frocos, larga faixa vermelha, peças de sêda vestindo o tronco, peles de raposa e de gato montez presas nos ombros e caíndo pelas costas abaixo, vários chocalhos de cobre ou bronze à roda da cinta e uma extravagante máscara de madeira pintada, encimada por um avantajado chapéu que semelha um tricórnio do fim do séc. XVIII. Completa a indumentária um pau curto tendo na ponta uma bexiga de porco, com a qual *o cigarrón* tem o direito de bater a quem quer, sem que ninguém lhe possa bater a êle.

O A. compara *o cigarrón* com outras máscaras galegas, tais-

como *felos*, *murrieiros*, *choqueiros*, *charrúas* e *irrias*, não apresentando nenhuma delas o arcaísmo acentuado do *cigarrón*.

Por último faz referência às máscaras semelhantes que nos ritos indígenas de certas tribus americanas, africanas e da Oceania se encontram largamente representadas.

S. J.

XAQUIN LORENZO FERNANDEZ — *Notas etnográficas da terra de Lobeira — O Lino e a Lã*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», vol. VI, Sant-Iago, 1933, 58, págs. 44 figs., 1 mapa, 3 est.

Na montanhosa região fronteira de Lobeira, que faz cara com a serra portuguesa de Castro Laboreiro, efectuou o A. larga colheita de material referente às indústrias caseiras do linho e da lã.

É um trabalho cheio de interesse, escrito numa forma elegante, largamente ilustrado e que se lê com muito agrado.

Tôda a faina do linho é minuciosamente descrita; e assim o A. fala-nos da *sementeira*, da *arriga*, da *ripa*, do *emposar*, da *maza*, *remaza*, *deluba*, *espadela*, *tasca* e *aseda*, depois do que o linho está pronto a ser fiado.

A lã dá menos que fazer. Uma vez tosqueadas as ovelhas, lava-se e depois carda-se.

Para fiar o linho e a lã o povo de Lobeira junta-se às noites nos *fiadeiros*. O mesmo sucede em várias regiões de Portugal, nomeadamente em terras de Miranda, onde se fazem também os *fiadeiros*, tão cheio de interesse etnográfico.

O A. descreve a roca e os fusos dando desenhos de alguns modelos.

Merece-lhe um particular cuidado, e na verdade bem cabido, a descrição do *fiadeiro*.

Enquanto as mulheres e as raparigas, fiam sentadas cada uma em seu banco, os rapazes vão chegando, e começam então os despiques ao desafio entre eles e as raparigas. As cantigas, são as mais delas das que se cantam a cada passo, mas há-as privativas dos *fiadeiros*. O A. regista cerca de duas dezenas dessas cantigas.

As moças, de quando em quando, largam os fusos, pousam as rocas e vão fazer com os moços vários jogos.

O A. descreve o jôgo do sarrilho, o do sapato, o dos casacos e o da cabra cega.

No *fiadeiro* também se dança. A orquestra é formada por

3 ou 4 tocadores. Um toca a *cazola* ou sertã batendo-lhe com uma chave a compasso. Outro toca a *lata*, caldeiro de água ou lata de gaz colocada entre as pernas e tocada batendo com as mãos espalmadas no fundo. Um terceiro toca o *pandeiro* apoiando-o contra o peito e batendo-lhe com as palmas das mãos. Um último toca as *cunchas* (castanholas) ou na falta destas com 3 colheres de pau manejadas de certo modo.

Depois de fiado, quer o linho, quer a lã, são ensarilhados em meadas, depois urdidos e por último tecidos.

Todas estas operações são minuciosamente descritas pelo A. bem como a aparelhagem necessária. A descrição do tear acompanhada de belos desenhos é clara, marcando o A. os nomes próprios de cada uma das peças do mesmo.

Fala por último nos diferentes tipos de tecidos, sua ornamentação com interessantes motivos decorativos estilizados de animais e vegetais. Em duas estampas coloridas dá exemplo das côres mais geralmente empregadas.

Em certas regiões de Portugal são muito curiosos os processos de obtenção das cores, servindo-se o povo de certas plantas que muito bem conhece e que trata de formas especiais.

É digno ainda de particular menção o belo desenho numa velha a fiar, publicado em estampa.

S. J.

CARLOS DE PASSOS — *Esbôço de um vocabulário ariano (Vedas, Mahabarata e Ramaiana)*, 2.^a edição — Sep. da «Língua Portuguesa», Lisboa, 1934.

O sr. dr. Carlos de Passos teve a feliz lembrança de reeditar o seu trabalho *Esbôço de um vocabulário ariano*, que precede de duntas considerações, nas quais possuem especial interesse as relativas aos estudos portugueses sobre línguas e história orientais. O vocabulário compreende cerca de 200 palavras, cujo significado o A. fornece.

M. C.

G. H. LUQUET & P. RIVET — *Sur le tribulum* — «Mélanges Iorga», Paris, 1933.

Os AA. estudaram a distribuição geográfica, a história, o uso, os nomes e as variedades do *tribulum* (trilho), que, como se sabe,

é utilizado ainda nalguns pontos do globo para a debulha do trigo e de outros cereais. A distribuição é muito vasta, constituindo o trilho uma sobrevivência, com maiores ou menores modificações, dum costume deveras remoto. Na carta que elaboraram para o território português registam o seu emprêgo em Trás-os-Montes (especialmente Bragança, Miranda e Moncorvo), na Madeira (donde desapareceu há pouco), nos Açores e em Pôrto Santo. Em Espanha é mais usado do que em Portugal.

Uma bibliografia de 147 espécies denota o grande trabalho de pesquisa desenvolvido pelos AA.

M. C.

AMÉRICO PIRES DE LIMA — *Na costa d'África* — 1 vol. de 132 págs., Gaia, 1933.

Prefaciado pelo prof. Ricardo Jorge e ilustrado pelo prof. Abel Salazar, o volume *Na Costa d'África* contém as memórias que o prof. Américo Pires de Lima redigiu como médico expedicionário a Moçambique por ocasião da Grande Guerra. É um depoimento valioso sobre a organização... ou desorganização das nossas expedições africanas naquela época. É um triste sudário que ficará para a história das responsabilidades dalguns dos nossos dirigentes naquele momento. Escrito com o poder sugestivo de quem viveu e sentiu aquelas emoções dolorosas, o livro não é apenas um documento histórico, mas também apresenta interesse etnográfico, pelas freqüentes alusões à psicologia e costumes dos negros .. cuja mentalidade nos surge, porém, menos negra do que a de vários brancos que perpassam nalgumas páginas de vingadora justiça.

M. C.

Riksmuseets Etnografiska Avdebring — Smärre Meddelanden, n.º 3, 11 Estokholmo, 1927-33.

É notável esta publicação suéca, cada fascículo da qual encerra um estudo que tem relação com a Etnografia, escrito em língua inglesa por um especialista de merecimento. São por isso muito interessantes estes folhetos, alguns dos quais com ilustrações, por exemplo, o de Lindblon, *The use of slits especially in Africa and America* (uso das andas, especialmente na África e na América); *Fighting-Bracelets and Kindred Weapons in Africa* (Brace-

letes e pulseiras de ataque e defesa em África); *The spiked wheel trap and its distribution* (Armadilha redonda e sua distribuição); *The use of the hammock in Africa* (Uso da maxila em África), do mesmo autor, todos com excelentes fotografuras.

De Eric von Rosen, *Did Prehistoric Egyptian Culture spring from a marsh-dwelling people?* com fig. no texto. Entre todos, é notável a monografia de Lindblon, *The use of oxen as pack and rinding animals in Africa*, que trata do emprêgo do carro de bois e destes animais em diversos trabalhos, em África, assim como a de Lethe Lindblon, *Two kinds of fishing implements* (Duas espécies de aparelhos de pesca), na qual os autores fazem o estudo das armações e aparelhos de pesca, de duas formas, côvos e chinchorros (?), em África e noutros países, forma, descrição e rendimento, história e procedência, bem como a comparação entre os tipos de tais aparelhos em diversos países.

B. F.

EDUARD CONZEMIUS — *Ethnographical Survey of the Miskito and Sumu Indians of Honduras and Nicaragua* — «Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology», Bulletin 196, U. S. A.

É uma complexa monografia das que, desde longos anos, são publicadas pelo conhecido Instituto americano, sobre assuntos de História Natural, em particular sobre Etnologia de diferentes populações exóticas. Neste volume o autor descreve, sob os mais variados aspectos, os caracteres e os costumes, instrumentos, modo de trabalhar, indústria, agricultura, pesca, canoagem, caça, etc., tudo observado e descrito minuciosamente sem deixar de lado a religiosidade, as crenças e superstições destes povos, bem como a higiene, as doenças, a magia e o feiticismo, de que o autor dá a nota precisa. Trata-se de populações que foram erroneamente denominadas — Mosquitos —, o nome imposto à região costeira de Honduras, do lado do Atlântico, e conhecida pelo nome de *Costa dos Mosquitos*, denominação imposta pelos ingleses e que realmente se refere à tribo principal que habita a região, os *Miskitos*, os quais a partilham com os Sumus. A obra é ilustrada de estampas que representam nitidamente a indumentária original destes índios americanos.

B. F.

Universidad — Revista de Cultura y Vida Universitaria — Zaragoza, Núm. 3. Año X — Julio — Agosto — Septiembre de 1933, trimestral.

Inclui artigos extensos sôbre Filosofia e Letras, Ciências, Medicina e ainda sôbre Vida Universitária, Bibliografia e Revistas. Entre outros, insere artigo doutrinário: *La justicia social*, de H. Luño Peña; *El processo civil aleman*, de Prieto Castro; *Estudio de las rinitis hipertróficas* (laureado com o prêmio de 1933, pelo Instit. Med. Valenciano); *La alergia en las enfermedades de la infancia*, por Lorente Sanz (Exts. de conferência en el Cursillo de Puericultura para Inspectores Municipales de Sanidad de Zaragoza); *Breves consideraciones acerca de un nuevo haz ligamentoso*, pelo prof. Sánchez Guisande; *Espectros de absorción de substancias opacas*, por Mariano Sesé; *Cinética de descomposición del ácido hipocloroso*, por José M.^a Gallart Sanz. Insere também notícias sôbre os cursos de Outono, de 1933, organizados pelo Instituto «Francisco de Vitoria», com assistência de diferentes professores e conferencistas.

B. F.

Grupo sangüíneo e tipo menstrual

ERRATA

Nos *Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.* (vol. V, págs. 347-349), onde foi publicada uma nota preliminar sôbre as relações entre o grupo sangüíneo e o tipo menstrual, figura, por lapso, uma indicação errada, que falseou uma das conclusões (referente ao grupo II).

Assim, a pág. 347, linha 4 do quadro I, onde se lê:

II | 119 | — | 8 | 18 | — | 18 | 15 | 1

deve ler-se:

II | 119 | — | 8 | 18 | 59 | 18 | 15 | 1

E a pág. 349, linhas 7 e 8, onde se lê:

Nêse se registam bastantes casos de puberdade precoce, mas a tendência para a puberdade tardia é mais acentuada;

deve ler-se:

Habitualmente, a puberdade assinala-se dos 13 para os 15 anos;

Pôrto, 30-Junho-33.

A. SAAVEDRA.